Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v3,
2022/03

ISSN 2178-6925

**UCAM – UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES**

**RENATA NEVES COELHO**

Recebido 05/03/2022. Aceito 18/03/2022

# UMA ANÁLISE SOBRE A FILOSOFIA DO FEMINISMO ATUAL

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v3,
2022/03

ISSN 2178-6925

**AIMORÉS – MG**

**2020**

**UCAM – UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES**

**RENATA NEVES COELHO**

# UMA ANÁLISE SOBRE A FILOSOFIA DO FEMINISMO ATUAL

Artigo Científico Apresentado à Universidade Cândido Mendes – UCAM, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Filosofia.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v3,
2022/03

ISSN 2178-6925

**AIMORÉS – MG**

**2020**

# UMA ANÁLISE SOBRE A FILOSOFIA DO FEMINISMO ATUAL

Renata Neves Coelho[1]

## RESUMO

O feminismo é um dos temas mais atuais. Suas manifestações impactantes, adeptos famosos e estilo de militância, têm convencido a maioria esmagadora das mulheres contemporâneas, em especial. Justificado pelo ideal da igualdade de gênero, o feminismo desponta como um conjunto de práticas e ideais voltados para a valorização da figura da mulher. Ou, pelo menos, é o que a teoria explica. Cada vez mais acentuado no mundo moderno, o embate entre conservadores e liberais, tem apimentado as relações entre os grupos sociais. Os grupos feministas despontam como um dos que mais discursam, protestam, reivindicam e resistem diante de ações, posições e opiniões contrárias: exaltando sua busca por direitos iguais e liberdade feminina. Alguns estudiosos, como a filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista e feminista Julia Kristeva, têm buscado alertar as feministas atuais e precavê-las diante de possíveis equívocos. Enquanto corrente de pensamento sob o olhar da Filosofia, qual a linha tênue entre o engajamento e o radicalismo? A racionalidade e a ação instintiva? É o que buscaremos debater no decorrer deste trabalho.

**Palavras-chave:** Feminismo. Igualdade. Filosofia.

## ABSTRACT

Feminism is one of the most current themes. Its striking manifestations, famous supporters and militant style have convinced the overwhelming majority of contemporary women in particular. Justified by the ideal of gender equality, feminism emerges as a set of practices and ideals aimed at valuing the figure of women. Or at least that's what the theory explains. Increasingly accentuated in the modern world, the clash between conservatives and liberals has peppered relations between social groups. Feminist groups emerge as one of the most vocal, protesting, demanding and resisting in the face of contrary actions, positions and opinions: extolling their pursuit of equal rights and women's freedom. Some scholars, such as philosopher, writer, literary critic, psychoanalyst and feminist Julia Kristeva, have sought to warn current feminists and warn them of possible misconceptions. As a stream of thought under the gaze of philosophy, what is the fine line between engagement and radicalism? Rationality and instinctive action? This is what we will seek to discuss throughout this work.

**Keywords:** Feminism. Equality. Philosophy.

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Presidente Antônio Carlos de Aimorés – UNIPAC, prêmio de melhor acadêmica e maior média global referente ao período de graduação. Especialista em Linguística Aplicada na Educação pela Universidade Cândido Mendes – UCAM. Professora de Educação Básica em rede particular de ensino. Interessa-se por Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia e Ensino Superior.

## Introdução

No decorrer deste trabalho, trataremos do início da teoria do feminismo: como surgiu o debate e as primeiras representações do que vem a ser um dos (senão o maior) assunto das sociedades atuais.

Posteriormente, veremos como se configura este modelo teórico e prático no mundo contemporâneo, suas principais vozes e características de discussão: discussão que ocorre sobretudo no interior das mídias sociais, grande ferramenta para a liberdade de expressão no século XXI.

Seguiremos com uma justíssima defesa ao feminismo: que alargou as vias de pensamento do cotidiano de tantos seres humanos e trouxe benefícios às relações intra e interpessoais.

Por fim, chegaremos ao núcleo deste debate: estará o feminismo revolucionando os paradigmas seculares do globo ou apenas invertendo superioridades, demonstrando muitas vezes contradições e exageros?

No decorrer do estudo, serão incluídos autores e autoras, artigos específicos sobre o tema e argumentos a fim de, não convencer sobre uma verdade, mas desafiar a razão e instigar o cérebro em direção à contemplação reflexiva, seguindo os ensinamentos da Filosofia.

## Desenvolvimento

### Os primeiros passos do movimento feminista

Para as feministas de nossa era, é inconcebível falar em feminismo sem citar a consagrada Simone de Beauvoir. Porém, nos primórdios, antes mesmo que o feminismo tivesse essa nomenclatura, levantou-se em forma de protesto outra francesa destemida: Olympe de Gouges; tendo vivenciado a histórica Revolução Francesa de 1789, Olympe confiou que aquela seria uma mudança também para a realidade das mulheres da época. Porém, frustrou-se. O que não a impediu de tentar.

A Revolução de 1789, rompeu com dogmas incontestáveis até então na Europa e deixou heranças políticas que foram modelo para várias outras nações: o movimento intelectual iluminista, o humanismo e a concomitante industrialização, forçaram a derrocada da monarquia absolutista e do alto clero da igreja Católica.

Os revolucionários instituíram nova Constituição e os ideais *"Liberté, égalité, fraternité" (Liberdade, Igualdade e Fraternidade)*, guiaram aquele ato revolucionário que marcou os primeiros sinais da expansão capitalista e uma vida um tanto mais democrática. O ponto culminante desta mudança gigantesca, encontra-se na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789*, documento apresentado pelos reformadores como a nova Constituição do país, que equiparava todos os homens franceses perante seus direitos e deveres.

Apesar do feito heroico que alterou os rumos sociais, políticos e financeiros, e que é recordado durante as aulas do componente curricular de História, destaca-se o uso notável e proposital até aqui de expressões usadas no masculino: "revolucionários", "reformadores", "homens". Claramente isto não passou despercebido por Olympe de Gouges, que logo após a apresentação da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789*, apresenta um documento de sua autoria, não por acaso sob o título de *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (*Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*), contando com 17 artigos e um alto rigor crítico, uma vez que o mesmo número de artigos integra a declaração outrora oficializada. Esta fase que podemos chamar embrionária do feminismo tal como o conhecemos, é dita *racionalista* pelos estudiosos; em que a busca é pelos direitos naturais da mulher, comuns a ela e ao homem. Participação efetiva nas decisões nacionais e liberdade enquanto ser pensante dotado de direitos e deveres. Nas palavras da própria Olympe de Gouges (1791):

> Ninguém deve ser molestado por suas opiniões, mesmo que sejam de princípio; a mulher tem o direito de subir ao cadafalso; mas ela deve igualmente ter o direito de subir à tribuna, contanto que suas manifestações não perturbem a ordem pública estabelecida pela lei. (GOUGES, 1791, art.10).

Considerada "perigosa demais" pelos revoltosos, Olympe de Gouges foi condenada à guilhotina em 1793, no período da revolução intitulado de "O Terror". Tornou-se habitual executar publicamente todos que eram contrários ao que

propunham os revolucionários. Olympe de Gouges também queria liberdade, todavia, seu ideal libertário causou temor de cárcere diante de outros.

A revolucionária perdeu a vida e abriu caminho para a evolução de uma filosofia que marcou tantas outras práticas desde então e que só fizeram aumentar a busca por igualdade de gênero.

**O Emancipacionismo**

Com a industrialização e surgimento das fábricas, o feminismo ganha ainda mais força e as mulheres despontam como defensoras da igualdade trabalhista: elas se tornaram grande mão-de-obra nas indústrias, especialmente em países como Inglaterra, Estados Unidos da América e França. Sua luta era por salários equivalentes aos dos homens e condições dignas de trabalho: é neste ponto que o feminismo torna-se sindicalista e associa-se à imagem da luta de classes, embasada nas teorias comunistas e socialistas de Karl Marx e Friedrich Engels.

Além do patriarcado, as revolucionárias deparam-se com mais um grande adversário: o capitalismo:

> Sem dúvida, nem sequer a garantia de ver realizadas estas reformas urgentes eliminará as causas fundamentais da opressão da mulher, que se encontram na estrutura de classe de nossa sociedade. Em relação a todas as questões fundamentais, concernentes à propriedade privada, as mulheres ricas estão a favor da manutenção do *status quo* e de sua posição privilegiada, exatamente igual aos homens ricos. Quando isto acontece, traem seu sexo em favor de seus interesses e de seus privilégios de classe. (REED, 2008, p. 105).

Com esta declaração, a autora critica o feminismo reduzido à luta entre sexos. Em sua obra “Sexo contra sexo ou classe contra classe” Evelyn Reed (2008, p. 106) diz que “esta tática somente poderia servir ao jogo dos piores inimigos das mulheres e da revolução social.” Ou seja, em uma sociedade burguesa, as mulheres proletárias não ganhariam o apoio da ala feminina de classe alta, pois a detenção de bens garante o domínio masculino, através dos luxos, conforto e popularidade.

A emancipação feminina é para esta vertente filosófica do feminismo, intrínseca a busca pela igualdade humana. Somente através da luta de classes marxista, extingue-se a opressão social como um todo: desigualdade financeira,

diferenças étnicas e preconceitos em geral; para que todas as mulheres reconheçam-se e tenham sentimento de pertença, para garantir sua união e consequente liberdade.

Em decorrência desta corrente, vemos com frequência grupos feministas associados a grupos comunistas de esquerda.

**O feminismo contemporâneo: alteridade e libertação**

O feminismo atual, ou terceira "onda" do feminismo, busca inspiração nas experiências vividas pelas mulheres da primeira e segunda "ondas". Todavia, seus objetivos vão além dos buscados no passado: jurídicos, políticos e econômicos, sem deixar de retomá-los sempre que necessário.

Falar de feminismo hoje, é discutir sobre *alteridade.* Nicola Abbagnano (2007) conceitua:

> (...)Aristóteles considerou que a distinção de um gênero em várias espécies e a diferença dessas espécies na unidade de um gênero implica uma A. inerente ao próprio gênero: isto é, uma A. que diferencia o gênero e o torna intrinsecamente diverso(...). (ABBAGNANO, 2007, p. 34 e 35).

A alteridade conceituada pela filosofia é o contrário de identidade: seres humanos são um conjunto de características, experiências, processos culturais e ideias. Conjunto este que varia de indivíduo para indivíduo. De maneira que devo diferenciar "quem sou", "quem o outro é" e "quem não sou". E em que isto implica o feminismo contemporâneo?

Para as feministas atuais é importante não mais a igualdade, mas a diferenciação das mulheres. Para tal, praticam a desconstrução dos gêneros feminino e masculino, desmistificando as condições biológicas do "ser mulher". Estas condições, conduziriam todas as mulheres ao mesmo destino opressor dentro de um sistema patriarcal:

> Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* (DE BEAUVOIR, 1967, p. 9).

"*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*." Esta frase, um lema do feminismo contemporâneo, explica claramente o conceito de *alteridade*: são as experiências que nos tornam outro, "alguma coisa". A mulher como a conhecemos historicamente, não é resultado da biologia, mas da opressão masculina: a mãe, submissa, casada, para as feministas atuais é uma construção social e histórica, não uma condição específica para "ser mulher".

Posto isso, entre as grandes reivindicações do feminismo contemporâneo, estão: a legalização do aborto, liberdade sexual, apropriação do corpo, independência do casamento... Quesitos que de certa forma rotulam a mulher historicamente oprimida.

**Mídias sociais e celebridades: nova forma de "aprender" sobre feminismo**

Sem dúvidas a grande ferramenta de propagação do feminismo hoje é a internet. Principalmente com a existência das redes sociais.

O chamado *cyberativismo* feminista facilita o ingresso de perfis cada vez mais jovens em movimentos feministas. É comum, inclusive, o contato com comunidades virtuais lideradas por adolescentes.

Não só o contato com muitas informações, facilidade de propagação de notícias e criação de blogs e comunidades, facilita o contato com o feminismo. As personalidades midiáticas, através de suas páginas pessoais, estreitam a relação com seus admiradores e têm a oportunidade de influenciá-los diretamente.

No Brasil e no exterior, muitas são as mulheres famosas que utilizam suas páginas virtuais para expressar opiniões e fomentar debates, o que é, sem sombra de dúvida, digno de importância.

Entretanto, de que forma estas informações virtuais atingem as meninas do outro lado da tela? Julia Kristeva (2001), em uma entrevista cedida ao jornal *Estadão*, oferece uma opinião cirúrgica, com base em seus conhecimentos sobre psicanálise:

> (...)Nós chegamos a uma outra era, que eu chamaria de planetária e que se caracteriza por uma explosão técnica sem precedentes, dos meios técnicos tradicionais, novas tecnologias, aceleração da imagem... Essa tendência implica risco de uma banalização do humano, e eu iria mais longe, de uma destruição do espaço psíquico. Quando você está diante de um

> bombardeamento de imagens, seu interior se apaga e é substituído por Loft Story, Big Brother, No Limite; mesmo se é débil, você está contente porque isso lhe diz alguma coisa, fala à sua infelicidade, com a qual você não tem nenhum espaço de comunicação, porque a família está em crise e porque a comunidade social é uma comunidade de trabalhadores e não de parceiros(...). (KRISTEVA, 2001, p. 148).

O *feminismo midiático* pode ser bem diferente do feminismo cotidiano. O emancipacionismo, ou feminismo marxista, a necessidade de combater as "engrenagens" do capitalismo para emancipar verdadeiramente as mulheres, entra em conflito com o fato de as famosas feministas terem grande poder aquisitivo e alternarem suas postagens majoritariamente anticapitalistas com publicações de produtos de grifes caríssimas, viagens internacionais (a maioria para países de ideologia capitalista), além de seus cachês exorbitantes.

As *hashtags* sobre aceitação e exaltação do corpo são publicadas ao lado de fotos que mostram uma nova cirurgia plástica, conquista do corpo magro típico da objetificação e ideia de "corpo perfeito".

Estes exemplos que proliferam através das mídias digitais, estimulam uma espécie de "banalização do humano" citada por Kristeva (2001): é desafiador influenciar jovens e adolescentes tão diversas fisicamente, a amarem seus corpos como são e libertarem-se da opressão capitalista, artificial, dos padrões de beleza, nestas condições.

Não é possível, pela lógica, amar-se como se é, se é necessário algum "ajuste"; seria esta não uma liberdade, mas uma forma de amenizar a infelicidade e tornar o feminismo superficial.

**Por que o feminismo é importante?**

Negar a importância do movimento feminista e os avanços imprescindíveis conquistados através desta luta, é um erro.

Há de se ressaltar as lutas por direitos civis e naturais, como voto, salário digno e jornadas justas de trabalho, na primeira fase do feminismo.

Sem o empenho feminino, o presente trabalho não seria redigido, pois é produto intelectual de uma mulher e integra ainda a área filosófica, historicamente dominada por homens. A conquista por educação somente ocorreu no século XIX,

nos Estados Unidos, com mulheres ingressando em Universidades. Na Europa isso só foi possível no pós Primeira Guerra Mundial. No Brasil, as meninas puderam cursar além do Ensino Fundamental 1 em 1827. Finalmente, em 1879, as brasileiras conquistaram o direito de frequentar a Universidade. A formação acadêmica feminina no Brasil é incrivelmente recente: 141 anos, apenas.

A Educação é uma das principais vias para a emancipação das mulheres: traz independência financeira, permite o autoconhecimento, reflexão e pensamento crítico, libertando-as de situações opressoras. As grandes líderes feministas da história são, concomitantemente, louváveis acadêmicas.

A teoria e prática feminista aproximou as mulheres, criando uma rede de apoio, onde uma é incentivadora da outra, em detrimento das discórdias e competições fúteis, típicas do sistema patriarcal. Neste sentido, há de se render elogios às tecnologias da informação supracitadas: a velocidade da informação, permite o encontro de mulheres de diversas classes, etnias e culturas, o apoio de umas às outras no que tange, inclusive, aos riscos de vida; auxilia nos casos de denúncia em situações de assédio, abusos e agressões.

A luta contra a violência é um dos principais tópicos do feminismo: no Brasil, a referência no assunto é a brasileira Maria da Penha, que deu nome à lei que ampara as mulheres. Verdadeiro exemplo de resistência, ela ficou paraplégica em decorrência das agressões do marido. Atualmente, violência sexual, física, psicológica e patrimonial são combatidas pela Lei Maria da Penha, que data de 2006.

O direito ao controle da natalidade, através dos métodos contraceptivos, é outro direito conquistado pelas mulheres referente à sua liberdade sexual. Destaques desta conquista são as feministas *Simone de Beauvoir* e *Betty Friedan.*

**Ausência de autocrítica no feminismo**

Este momento da reflexão se faz, com toda certeza, o mais passível de explicação e interpretação. Deverá uma teoria que luta pelo direito de uma classe historicamente oprimida e que alcançou triunfos sociais tão importantes, dedicar-se a autocrítica? A resposta é: sim.

De acordo com Evelyn Reed (2008, p. 107), “Com o movimento feminista, as mulheres obtiveram um número considerável de reformas. Mas aquele tipo de movimento feminista já fez seu trabalho, alcançou seus objetivos limitados(...)”. Não constitui objetivo deste trabalho, de modo algum, desmerecer a histórica luta feminina ou denegrir a imagem do feminismo. O que as mulheres deviam conquistar para si, foi conquistado. Mas, é possível ir além. Apesar de existir considerável número de adeptos feministas, é necessário usar da *alteridade* típica da terceira “onda” para olhar com esperança o homem e mulher que estão à margem do feminismo; há muitas pessoas (homens e mulheres) que repudiam movimentos feministas pela limitação dos grupos.

Não que se queira admitir que no meio feminista sejam aceitos opressores e opressoras, porém, não se pode debater à margem destas pessoas, nem diminuí-las ou criticá-las pelo seu histórico. Ousando parafrasear Simone de Beauvoir (1967): “Ninguém nasce machista: torna-se machista”. Homens e mulheres são vítimas na mesma proporção. Salvo, é claro, o fato de as mulheres serem destinadas à base desta pirâmide cultural.

Olhar o machismo com *alteridade*, permite identificá-lo como uma construção cultural, gerando empatia. Esta empatia então, se estenderá a todos, feministas ou não. Pois, assim como é o feminismo imprescindível na realidade de tantas e tantos, pode não o ser o mesmo feminismo na realidade de outros e outras. Pois, afirma Caio Prado Jr. (1981, p. 10) em seu livro “O que é filosofia”: “(...) isso é óbvio, pois pensamento ou conhecimento não existem em estado ‘puro’ e vazio de representação conceptual das feições e ocorrências do Universo.” Estando sujeito à subjetividade, o conhecimento pode ter diferentes níveis de valoração. Sendo o feminismo um tipo de conhecimento, está sujeito às interpretações dos que se identificam e dos que não; dos que têm certo tipo de experiência e dos que vivenciaram algo totalmente oposto. O que não descaracteriza ou coloca em demérito o conhecimento em questão.

Por isso é necessário a autocrítica; no sentido de o feminismo não se encerrar em si mesmo e em seus próprios argumentos e militância. Mas, manter-se aberto para alterações, ainda que de início pareçam impensáveis.

**Conclusão**

Durante este trabalho, abordamos uma breve história do feminismo, que até aqui dividiu-se em três fases, chamadas três “ondas” do feminismo. A primeira onda, contextualizada na Revolução de 1789, marcou uma busca por direitos civis, culminando na morte da revolucionária Olympe de Gouges.

Decorrência da industrialização, a mão de obra feminina entra em cena, seguida de jornadas exaustivas, salários pífios e constantes abusos. A segunda “onda” começa com o Emancipacionismo, inserido na luta de classes dos operários.

Vivenciamos atualmente a terceira “onda”, marcada pela busca da superação do gênero e *alteridade*. A mulher que antes buscava direitos iguais, busca agora sua libertação e a independência da tradicional figura feminina “do lar”.

Debateu-se sobre o impacto das mídias e os discursos feministas das grandes personalidades frente à sua realidade de vida, ocorrendo algumas contradições que podem confundir quem se inspira, especialmente adolescentes e jovens, e trazem certa falta de credibilidade ao movimento. Não obstante, as tecnologias da informação são imprescindíveis para debates importantes do feminismo e união social de mulheres.

A nível nacional e internacional, os movimentos liderados por feministas trouxeram mudanças radicais e extremamente positivas em relação aos direitos humanos, bem-estar social, justiça e segurança.

Por fim, a reflexão abordou a autocrítica que deve acompanhar o movimento. Uma vez que esta é mais uma dentre tantas correntes de pensamento que coexistem e são sustentadas por indivíduos com experiências diferentes.

Como dito no início, não há uma verdade. Existem argumentos, pontos positivos e negativos e todos estes passam pela subjetividade do pensamento filosófico.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo a experiência vivida*. São Paulo: Copyright by Librairie Gallimard, Paris, 1967.

*Declaração dos direitos do homem e do cidadão de 1789*. Disponível em: http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/direitos-humanos/declar_dir_homem_cidadao.pdf.

Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,julia-kristeva-pensa-o-momento,20011021p3797.

Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/16047/as-principais-conquistas-das-mulheres-na-historia.

GOUGES, Olympe. *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*. 1791. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/911/10852.
PRADO JR., Caio. *O que é filosofia.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.